

O CENTENARIO
DO
MARQUEZ DE POMBAL

JORNAL COMMEMORATIVO PUBLICADO PELA COMISSÃO
DOS ESTUDANTES DE COIMBRA

NUMERO UNICO



Sala
Gab.
Est.
Tab.
N.º

FRAGMENTO

DE LA BIBLIOTECA



DE LA UNIVERSIDAD

FRAGMENTO



O CENTENARIO

DO

MARQUEZ DE POMBAL

JORNAL COMMEMORATIVO PUBLICADO PELA COMMISSÃO
DOS ESTUDANTES DE COIMBRA

NUMERO UNICO



Portugal estava pobre quando D. José subiu ao throno. A propriedade, inculta desde muito; o commercio, escravo desde D. Pedro II. O ouro da America, o immenso ouro da America, não passava d'um sonho para Portugal. Para a Inglaterra, sim, era uma realidade. Mas fô para a Inglaterra.

O Marquez de Pombal quiz enriquecer o paiz, e empregou para isso os meios de que tinha conhecimento.

Copiou Colbert.

As reformas economicas do Marquez foram, na maior parte, infructuosas como as do severo ministro de Luiz XIV. Mas ficou alguma cousa util; mas ficou, sobre tudo, o edificante exemplo de um ministro intenfamente applicado a desenvolver, como podia e sabia, a prosperidade material do seu paiz.

Os povos devem ser agradecidos a quem desejou dar-lhes pão.

Colbert, ferido pela ingratidão do rei, disse á hora da morte: *Se tivesse feito por Deus o que fiz por este homem, estava certo de que me salvaria; e não sei para onde vou...* Michelet, respondendo a estas palavras do grande ministro, escreveu: *Sabemos para onde vais, heroe! Vais para a gloria e ficas no coração da França. Os povos, que com o andar do tempo julgam á maneira de Deus, são equitativos como elle, avaliando as obras menos pelo resultado que pelo esforço, pela grandeza da vontade.*

Portugal deve mais, incomparavelmente mais, ao ministro de D. José do que a França ao secretario de Luiz XIV.

ANTONIO CANDIDO.

OS JESUITAS

(No centenario do Marquez de Pombal)

I

Ha nos portos de mar um animal terrivel,
 Pequeno, transparente, inerte, imperceptivel,
 Que á força de trabalho e á força de malicia
 Confegue penetrar com infernal pericia
 Dos barcos do alto mar no estado indefeso.
 Encarcerado alli, depois, inquieto preso,
 Começa a devorar no escuro e sem ruidos
 As fibras da madeira em todos os sentidos,
 Conservando-lhe intacta a face mergulhada.
 Assim a embarcação, carcomida e minada,
 Tem um aspecto bom, seguro, firme e são,
 Mas apenas contém no casco a podridão.
 Um dia o barco sae ao largo e ao menor choque
 D'uma vaga que o fira ou d'um vento que o toque
 Todo elle se deffaz, Então o vasto mar
 Devora o que o animal não poudo devorar.
 Chama-se este animal o *taret*, porque em summa
 Elle penetra tudo, elle tudo verruma.

II

A sociedade, a nau que voga sobre abyfmo,
 Tem tambem um *taret*, o negro jesuitifmo,
 Que roe continuamente, abutre sem piedade,
 O coração heroico ao Prometheu - Verdade.
 Gerado como um gaz na podridão monastica,
 No pantano lethal da putrida escolastica,
 Elle corrompe tudo, a vida, a terra, o ar,
 A honra, a dignidade, a casa, o templo, o altar,
 Tudo o que é justo e forte e grande e bom, sublime.
 De Deus faz um terror, da vida faz um crime,
 Do amor uma indecencia e da família um mal,
 E erguendo o celibato em virtude ideal
 Põe a prostituição a par do casamento.
 Elle faz da justiça e do bem um tormento.
 A estupidez é santa, o talento um perigo,
 O fanatismo um bem, a luz um inimigo,
 Pensar é um attentado, amar uma baixeza,
 Rezar é que é virtude, odiar é que é grandeza,

Os fins é que são tudo, os meios indifferentes,
A guerra aos infieis é direito das gentes,
O roubo um peccadilho a redimir barato.
É mero expediente o proprio affassinato,
E tudo alli se abfolve e applaude e justifica
Quanto possa tornar a ordem grande e rica.
E corrompida assim toda a noção do justo,
À força de terror, de estupidex, de sulto,
O jesuita faz dos homens uns ilotas
E da terra um convento enorme de idiotas.

III

Mas um dia produz-se um phenomeno estranho:
D'entre a turba imbecil d'este infeliz rebanho
Surge, de coma hirfuta, um fulvo leão real,
Que se chama Voltaire, ou se chama Pombal,
Vibrante de justiça, a rugir liberdade,
Rojando-se amoroso ás plantas da Verdade.
Ao chamar d'essa voz prophetica e divina
Tudo se alegra e esplende e floresce e illumina
Para a celebração d'esse hymeneu fecundo
D'onde tem de sahir a redempção do mundo.
Vê-se então refulgir na historia esse clarão,
Immenso e creador d'uma revolução,
Apollo, cujo sceptro espanca pelo abyfmo
A ignorancia, o erro, a sombra e o despotismo,
Grande aurora polar, que faz da noite espessa
Uma explosão de luz envolvendo a cabeça
De todos os heroes, como um nimbo de gloria,
Maldictos pela Igreja, abençoados da historia,
Que prohibem a Deus de ser um rei asiatico,
A quem sómente agrada o que é bruto e fanatico,
Que prohibem ao ceu de ser uma guarita
Onde cabe sómente um magro jesuita,
Que prohibem enfim toda a religião
De estorvar o caminho á civilização.

IV

São estes santos hoje os que o mundo venera,
Os que vencem na lucta as hydras da chimera,
Os que vão pelo mundo espalhando ás mãos cheias
As sementes do bem, do amor e das idéas...
Ora é d'um santo assim de que hoje reza a missa,
Que tem por hostia a sciencia e por biblia a justiça.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

EXCERPTOS

Do discurso pronunciado no sarau litterario realisado
no Theatro Academico na noite de 6 de Maio



Reinava em Portugal D. João v, e no seu reinado, em que apparentemente tudo era fausto e magnificencia, prostrava-se a nação na mais completa e fatal decadencia. O espirito publico, corroido e enervado pela educação jesuitica, não sabia reagir contra a inevitavel ruína que se preparava para a patria.

A nobreza, altiva sem ser illustrada, prepotente sem ser briosa, assignalava-se unicamente percorrendo à noite as viellas de Lisboa em bandos de affastinos, entre os quaes se destacava o infante D. Francisco, o proprio irmão do rei.

O monarcha, a um tempo energico e fanatico, devasso e supersticioso, affociava, num connubio escandaloso e degradante, as orgias sensuaes do seu ardente temperamento, e as manifestações exaggeradas da sua piedosa credencia.

Erguia a immensa mole do convento de Mafra; entesourava preciosidades na capella de S. João Baptista, da igreja de S. Roque em Lisboa; gastava rios de dinheiro com a dotação da Patriarchal; e ao mesmo passo convertia os conventos de freiras em verdadeiros harems d'este fultão do occidente, e mandava erguer junto do convento d'Odivellas o palacio de Madre Paula, palacio que era o ninho voluptuoso e perfumado dos amores criminosos do proprio monarcha com uma das freiras do convento.

Os jesuitas alimentavam e protegiam as aventuras amorosas e romancescas do monarcha, e o seu fervor mystico e religioso, e enquanto elle se entretinha com os monsenhores da Patriarchal e devaneava com as abba-dessas de Odivellas, elles affenhoreavam-se completamente do ensino em Portugal, monopolizando o ensino primario, conseguindo dominar quasi completamente na Univerfidade de Coimbra, e estabelecendo em Evora uma Univerfidade exclusivamente sua.

E illuminando este quadro, senhores, os clarões sinistros das fogueiras de S. Domingos em que a intolerancia mandava queimar os christãos novos.

Porque D. João v, que tivera a louca vaidade de pretender imitar Luiz xiv e realisar na sua cõrte a luxuosa magnificencia da cõrte de Versailles no tempo do *rei-sol*, não foubé imitar o monarcha francez no seu espirito naturalmente tolerante e benevolo. E por isso, ao passo que

Luiz XIV protegia Molière, que escrevia o *Tartufo*, D. João V mandava queimar como heretico o poeta comico Antonio José, e protegia aquelles que eram a encarnação viva do immortal personagem de Molière: protegia os *tartufos*.

Sobre esta sociedade é que foi chamado a reinar D. José I, e aos conselhos d'este monarcha é que subiu Sebastião José de Carvalho e Mello.

Vivera em missões diplomaticas em Londres e Vienna d'Austria, Sebastião de Carvalho, durante os ultimos annos do reinado de D. João V. Assistira de longe e entristecido á decadencia da sua patria, e estudara na pratica das outras nações e nos procedimentos dos grandes estadistas os remedios para tão profundos males. Não lhe faltava a coragem para os realisar, mas era mister que para isso se apropositassem as circumstancias.

Subindo ao poder, graças á influencia da rainha-mãe, patricia e amiga de sua mulher, Sebastião de Carvalho conquistou dentro em pouco decidida influencia no animo do rei, mas quando essa influencia se tornou dominadora e exclusiva foi quando, em presenca do horrivel terramoto que affolou a cidade de Lisboa em 1755, elle desenvolveu essa iniciativa, essa actividade e essa energia portentosas, que fazem sobrefahir soberbamente a sua grandiosa figura por sobre as ruinas e os despojos d'aquella tremenda catastrophe.

Estava fundado o poderio de Sebastião de Carvalho, e elle podia começar a sua vasta empresa de reorganização nacional. O que as forças da natureza, em convulsões subterraneas, haviam feito á velha Lisboa, ia Sebastião de Carvalho, com o seu poderoso braço, fazel-o á caduca sociedade portugueza.

Dois obstaculos se lhe apresentavam ainda á realisação dos seus desígnios, dois poderes, duas forças se lhe oppunham: a nobreza prepotente, usurpadora e altiva, e o jesuitismo insidioso, astuto e dominador. E Sebastião de Carvalho não hesitou um momento, e, forte com o poder real, começou a lucta tremenda de que fahi vencedor, e que teve como epilogo por um lado o supplicio dos Tavoras e dos outros nobres em Belem, por outro lado a expulsão dos jesuitas e a execução do padre Malagrida, vestido com os trajos jesuiticos para melhor symbolisar a morte da sua feita em Portugal.

Causa horror, senhores, sinceramente o digo, aos nossos espiritos educados modernamente, o reler hoje nas austeras e desenganadoras paginas da historia a narração circumstanciada das tragedias fanguinolentas do caes de Belem.

Mas a apreciação dos actos d'um homem d'esta ordem não se pôde nem deve fazer em relação às circumstancias e às necessidades que hoje nos rodeiam, mas sim em referencia às necessidades e circumstancias que o cercavam no momento historico em que elle os practicava. E o que é certo, senhores, é que se Sebastião de Carvalho, por um rasgo de cruel energia, não tivesse desde logo mostrado a fidalguia e ao clero de quanto era capaz, elle não teria realifado a sua grande obra de regeneração nacional, e a reacção que mais tarde se deu ao expirar D. José I, ter-se-hia dado mais cedo, muito mais cedo, talvez antes de Sebastião de Carvalho ter executado a sua patriotica e salutar missão.

De resto, Sebastião de Carvalho que foi senão a revolução no poder, e qual é ahí a revolução que não tem a enfanguentar-lhe os annaes algum morticínio cruel, desde a revolução christã que viu padecer Jesus, até à revolução franceza que viu a ferocidade de Marat?!

Não é possível, meus senhores, n'estas rapidas palavras que me é dado proferir aqui, compendiar e resumir fiquer, quanto mais analysar miudamente todas as muitas e importantissimas medidas promulgadas por este grande estadista. Elle reedificou Lisboa; protegeu a agricultura; animou a industria com a criação de fabricas nacionaes; desenvolveu o commercio com a organificação de poderosas companhias; organifou o exercito; fez profundas reformas financeiras e judiarias; extinguiu a escravatura no continente do reino; aboliu a Inquifção, considerada como tribunal religioso; acabou com a odiosa distincção entre christãos novos e christãos velhos; instituiu o collegio dos Nobres; fundou innumeradas escolas primarias; deu à Universidade de Coimbra os seus monumentaes estatutos; chamou para o ensino patrio os primeiros sabios da Europa, e deu-lhes toda a latitude e toda a liberdade para poderem professar a verdadeira sciencia; e, sobre tudo, emancipou a escola portugueza da tutela pernicioza dos jesuitas — dos jesuitas, meus senhores, que queriam a escola unicamente para com a sua propaganda subtil e deleteria fazerem dos discipulos instrumentos seus, matando no filho o amor da familia, matando no cidadão o amor da patria!

Tudo isso e muito mais que me não occorre, que não pôde lembrar-me agora, realifou o Marquez de Pombal — e ainda os noitibós da reacção regateiam a este estadista a qualificação de *Grande homem!* Pobres noitibós!

Chamámos-lhe — grande homem — e o que é certo, senhores, e vós bem o sabeis, é que a theoria dos grandes homens está hoje regeitada na historia.

Houve tempo em que se suppunha que estava dependente da acção humana marcar o curso que devia seguir a humanidade no seu caminhar através dos séculos, e assim viamos nós as diversas civilizações symbolizadas sempre em nomes de homens illustres que se suppunham os fautores de todos aquelles beneficios e de todos aquelles esplendores. Hoje sabe-se que a evolução da humanidade tem leis fataes e inilludiveis, que baldados serão todos os esforços humanos que pretendam oppôr-se à realização d'ellas, e que os homens são apenas instrumentos mais ou menos conscientes, que põem em practica essas leis fataes.

Mas o que não é menos certo, meus senhores, é que a acção individual não pôde banir-se completamente da historia, e que o homem, se não pôde impedir que afinal deem o seu resultado practico as leis supremas da evolução progressiva da humanidade, pôde, sim, fazer retardar ou acelerar a realização positiva d'essas leis.

Ainda n'este século Napoleão 1, em França, é um exemplo eloquente d'esta verdade. De certo o brilho e o prestigio guerreiro que elle conseguiu dar ás aguias napoleonicas não poderam obstar a que se diffundissem, germinassem e se desataffem por toda a parte em fructos de liberdade os luminosos principios de 1789. Mas o que é facto é que elle conseguiu fazer esquecer por algum tempo esses principios, arrastando atraz de si o povo francez n'uma correria desordenada e vertiginosa, de conquista em conquista, de batalha em batalha, acampando hoje nas Pyramides, subindo amanhã ao Kremlin, cahindo, finalmente, em Waterloo...

Pois o Marquez de Pombal em Portugal teve acção contraria: acelerou o movimento da evolução nacional, adormecida e estagnada pela acção corrosiva e deprimente do jesuitismo. E tanto elle foi um precursor, que ainda antes de morrer viu a reacção triumphante.

Mas o germen das suas medidas, o fulco profundo que o seu braço vigoroso abriu no espirito nacional, o impulso valente que elle dera á civilização patria, ficaram, actuaram, produziram mais tarde os seus naturaes effeitos, e nós hoje, faudando o Marquez de Pombal, não só celebramos o vigoroso perseguidor dos jesuitas, mas o intelligente precursor da revolução de 1820, que foi a aurora das nossas liberdades.

CARLOS LOBO D'AVILA.

O TERREMOTO

Para saudar do Azul a capital em festa
Refulsara do alto, austeramente triumphante,
A purpura que o Sol á Natureza empresta.

N'um suave torpor, n'um dormir constante,
Baloçando a gemer a tunica ondulada,
Vinha quebrar na praia a vaga soluçante.

Evocada ao fulgor da esplendida alvorada,
— Largo beijo de amor que a Natureza embala,
Gemia brandamente a viração magoada...

De subito, um trovão dentro da terra estala!
E após, no vasto seio arfando de repente,
Como se algum titan quizesse esmigalhal-a

No circulo brutal da força inconsciente,
Rebenta em boqueirões fazendo-se estilhaços
Á bronzea convulsão d'um pulso omnipotente!

Rafgando em contorfões os seus enormes braços,
(Por sobre um grande abyfmo ainda um outro abyfmo!)
Rompem linguas de fogo erguidas nos espaços.

Defabam pelo chão, no extremo paroxifmo,
Zimborios coloffaes á luz da tempestade,
Alafrando no pó do enorme cataclyfmo.

Gigantes cathedraes, na immensa obscuridade,
Cedendo ao vendaval da Natureza em guerra,
Profternam-se ao furor da extranha potestade.

O Téjo erguera o dorfo e caminhava em serra!...
Aqui choro convulfo... além, blaffemia bruta!
Bramido univerfal! Defolação que aterra!

No embate coloffal da temeraria luçta
O Sol velara em pranto a face contrahida,
E o Trovão empunhara a tragica batuta.

De quebrada em quebrada a viração perdida
Leva em trifle clamor aos ermos solitários
N'um derradeiro anccio a derradeira vida.

Como abutres cruéis, nos vastos cinerários,
Por completar-se a dôr que a Natureza offenta,
Troam lugubrememente os dôbres funerários.

Por toda a parte o chôro em convulsão rebenta;
Gritos, lamentações, lá vão de vaga em vaga
Perder-se no bramir das ondas da tormenta.

O cataclyfmo enorme o sentimento apaga.
No perigo imminente o homem não discorre;
Surge a panthera — inflicto — e o coração esfôga.

Na immensa dôr, um pae seu filho não soccorre,
A mãe já não protege a tímida criança...
Tudo na onda vai!... Tudo na onda morre!...

No entanto, ainda alguém sobre a cidade avança,
Do gigante arcabouço estende um braço enorme,
Na immensa ruinação o immenso olhar descança...

Todo o vasto montão de coisas que alli dorme,
Na doida agitação das tumidas marés
Abriu subitamente a palpebra difforme!

Pombal erguera ao alto a vara de Moyfés!
Do impulso colossal dos seus robustos hombros
Rebenta uma cidade e vai cahir-lhe aos pés!

A nova capital — surgira dos escombros!

Coimbra

LUIZ OSÓRIO.

DUAS PALAVRAS MAGICAS!



Os que negam ao Marquez de Pombal virtudes publicas e até virtudes domesticas, esquecem que a maior de todas é, para o homem de estado, o patriotismo. Podia o estadista commetter grandes erros de sciencia e consciencia; e entretanto, se os seus actos foram pautados por aquella maxima em todas as conjuncturas, a illusão desvaneceu-se, o erro dissipou-se, e acima dos peccados do ministro sobrefahem e elevam-se as inspirações do patriota.

Na sua epocha nenhum portuguez amou a patria com mais vehemencia, ninguem a defendeu com mais valor, ninguem a elevou com mais sciencia, ninguem com mais talento ou coragem a engrandeceu, ninguem como elle lhe sacrificou todas as horas de uma vida robusta, todas as forças de uma organisação poderosa. Como, pois, havemos de negar, ou sequer discutir, a um tal homem as honras e homenagens da glorificação?

Se, porém, o patriotismo regulou em tudo os actos do Marquez, se a patria foi a constante preocupação do seu peito valoroso e heroico, ainda lhe aformosearam esta coroa esplendorosa as resoluções de um espirito fãõ, e para o seu tempo excellentemente educado.

Comprehendeu a sua patria, e foi um perfeito patriota. Comprehendeu o seu tempo, e foi um estadista consummado. Os dois principios reguladores, fundamentaes de todos os seus actos foram o patriotismo e a sciencia, duas coisas tão custosas de reunir e encontrar em ministros, que abrem o Pantheon aos ditos governantes que cultivarem a primor essas bellas plantas fecundissimas.

O patriotismo e a sciencia, eis as duas qualidades supremas que ainda em nosso tempo levariam á glorificação o ministro que possesse reunil-as e inspirar-se por ellas.

Mas, se fallecem as duas virtudes aos portentosos estadistas de agora, ao menos que a mocidade, a generosa mocidade portugueza, que soube resgatar a divida para com o Marquez, não olvide a necessidade de corrigir a velha sentença popular: — *se a mocidade souberse, se a velhice poderse...*

Sim! A Mocidade *pode e principia a saber*. É preciso *saber* devéras.

Sabendo e podendo, junctará á gloria da celebração do centenario a gloria não menos pura, nem menos proficua, de restaurar n'este seculo a sua terra, hoje tão abatida e vilipendiada, de exalçar e engrandecer a terra do Marquez de Pombal pelas inspirações do patriotismo, pelos dictames da sciencia.

AUGUSTO ROCHA.

FRAGMENTO



Hespanha errou, cahiu. — Tiram-lhe a prova real
N'um dia a Catalunha e no outro Portugal...
Somos livres!...

Porem a Decadencia avança
De Filippe III ao Duque de Bragança,
Sanguinaria e cruel, no seu caminho escuro,
A liberdade augmenta o putrido monturo,
Onde a guerra desprega, esburacado e velho,
Aos vendavaes da morte, o seu pendão vermelho,
Como nodoa de sangue a fluctuar no espaço...
Sob o mesmo docel, vivem no mesmo Paço
Confundidos n'um só, despotico e traidor,
Dois monarchas fataes — o Rei e o Inquisidor, —
A estupidez e o ardil, o cumplice e o assassino,
O tyranno passivo e o despota leonino;
E na confummação desse medonho pacto
Jesus reina de nome e Satanaz de facto...

(Do poemeto — *O grande Marquez*).

MACEDO PAPANÇA.

TRECHO

Do discurso pronunciado no comicio anti-jesuitico,
feito em Coimbra no dia 7 de Maio de 1882



noite é escura. Na atmosphera fombria correm nuvens parda-
centas com uma velocidade electrica; o vento, num sifoão
medonho arranca arvores seculares e leva na passagem mon-
tanhas de arêa, que vão sepultar cidades; a chuva torrencial,
em catadupas enormes, despenha-se num marulhar aterrador,
e a caravana, perdida na escuridão, pára e deffallece no meio d'esta lueta
horriavel dos elementos.

De repente corta o ar um relampago brilhante, que illumina e def-
lumbra, e a caravana salva-se da borda do abyfmo, onde ia precipitar-se,

emquanto o raio, num estampido medonho, deffaz cahindo, um roble gigantesco.

Tal é, senhores, o quadro que nos offerece a sociedade portugueza em 1750. — Um povo, que se debate nas ancias e no paroxifmo d'uma decomposição terrivel, envolto nas trevas da ignorancia e do embrutecimento; um paiz vergonhofamente abatido e sem consciencia da fua nacionalidade; um reino sem autonomia, vogando á mercê das brifas do Vaticano e das monções britannicas; uma nação que era um feudo da nobreza, explorado pelo jefuitifmo, que é um abutre!...

Um lucido espirito voga fobre este mar negro de perverfão e de vicios, de calamidades e degradações. Encontra no caminho um edificio soberbo, que se oppõe á direcção rectilinea da fua justiça, allue-o, e, nas ruinas do monumento que defaba, fica fepultado o verme que tentava impedir a marcha incessante do Progreffo.

Portugal, adormecido num fomno lethargico, fob a preffão do fanatifmo enervador, era quasi um cadaver, que, envolto na rôta bandeira das fuas paffadas glorias, ia a refvalar na campa, ia fer riscado do numero das nações independentes. Salvou-o o Marquez de Pombal, e o pavilhão portuguez tremulou então com a galhardia briofa com que se deffraldava, ao fopro ardente das batalhas, nos aureos e primevos tempos da noffa monarchia.

A. PAÇÔ-VIEIRA.

SONETO



s ventos vêm carpindo amargamente:
— Queixas talvez d'algum proferipto,
D'algum afiro perdido no Infinito
Deftinado a chorar eternamente.

No soluçar tão funebre das aguas
Não tem defcanço o coração do Atlantico:
— Ventos e mar no myfteriofo cantico,
Tudo traduz uma expanfão de magoas.

D'aquelle que na hiftoria reaparece
O pranto nunca o tumulo humedece;
Dos heroes ninguem chora fobre as loufas.

— Para carpir a morte dos gigantes
Tem o mar os gemidos soluçantes,
Têm os ventos as vozes lamentofas!

EDUARDO D'ARAÚJO.

O CENTENARIO POMBALINO E OS SEUS INIMIGOS



ntre os factos que se deram por occasião das solemnizações com que a memoria do grande Marquez de Pombal acaba de ser festejada, nenhum impressiona tanto como a opposição tenaz que uma grande parte do clero catholico portuguez desenvolveu contra essas solemnizações.

E diffemos—opposiçào—e mencionámos—clero—pondo de parte os retrahimentos de alguns nobres e populares; visto como estes, além de se apresentarem em limitado numero, fizeram com o clero causa commum a ponto de em verdade podermos dizer—que obedeceram á influencia d'este, e que foi elle o fautor de todas as demonstrações hostis ao centenario pombalino.

Quaes serão as causas d'este phenomeno tanto mais para estranhar quanto é certo que, por occasião do tricentenario camoneano, todos se uniram francamente; e quanto é certo que dos patriotas portuguezes ambos estes vultos, Camões e Pombal, se impõem por uma virtude commum—o amor intimo pela gloria do seu paiz?

Será porque alguns defeitos da vida particular do Marquez empanem o brilho da sua vida publica?

Mas tambem Camões, o apaixonado mundano de D. Catharina de Athayde, não é de certo um modelo do ideal da virtude christã; e no entanto o clero, se não collaborou nella, tambem se não oppoz á sua apothese.

Será porque na realisação dos seus planos de reforma o Marquez usou de meios violentos, taes como—queimar um jesuita, executar alguns nobres e enforçar uns populares?

Mas tambem S. Domingos, para extirpar os albigenes, fundou em 1215 a ordem dos prégadores, a quem incumbiu o fancto officio da inquisição; e a egreja não só approvou isto, mas canónifou S. Domingos e S. Pedro d'Arbuès, o inquisidor que em Hespanha fez mais victimas.

Mas tambem Carlos ix, para se desembaraçar dos protestantes, ordenou a matança geral d'elles em Paris e nas provincias na noite de 24 de agosto de 1572; e Roma festejou este acontecimento, não só cantando solemnes *Te-Deum*, mas cunhando medalhas commemorativas.

Mas tambem o fanatico Jacques Clément assassinou em 1589 a Henrique III, a quem considerava como uma affronta aos sentimentos catholicos

da França; e o jesuita Guignard, segundo refere Laroufe, escreveu num seu livro que tal assassinato fôra uma obra meritoria:

Logo o clero catholico, condemnando por eguaes motivos a memoria do Marquez de Pombal, faz uma de duas cousas—ou condemna o modo de pensar de seus antecessores, o que muito o honraria, ou é inconsequente, negando ao Marquez o direito de pôr em prática a theoria—de que o fim justifica os meios—ao passo que o concede aos seus quando se servem d'ella para bem da classe.

A isto accrefce que S. Domingos, Carlos ix e Jacques Clément inventam estes meios, podendo portanto reclamar o privilegio de originalidade; emquanto que o Marquez não faz mais do que mandar applicar a casos occorrentes as penas e crueldades que não eram d'elle, mas da legislação penal por onde se governava o Portugal do seu tempo.

Não podendo pois admittir-se estas duas explicações, parecem-nos satisfactorias as que passamos a expor.

É a primeira—que tanto a função social de Camões é sympathica a todos e por todos comprehendida, quanto a obra de Pombal é odiada por muitos e por muito poucos devidamente apreciada.

Camões é o homem da sua epocha, conhece-a, personifica-a. A sociedade portugueza d'então vivia entre as recordações gloriosas das descobertas maritimas e as apprehensões d'um triste futuro, no qual via por um lado a herança de seus maiores passar ás mãos do seu inimigo secular, a Hespanha; e pelo outro a sua autonomia á mercê das sombrias machinações politicas dos monarchas hespanhoes: Camões canta umas e chora outras.

Pombal é um vulto extranho que se destaca da sociedade do seu tempo: vontade indomavel, traz para ella energias que contrastam flagrantemente com o seu abatimento rotineiro; intelligencia illustrada, traz para o paiz idéas que nelle ainda não tinham curso; espirito audaz, emprehende realisar essas idéas ainda á custa das lagrimas de alguns e da opposição de muitos, que tinham os seus interesses vinculados áquella inercia esphaceladora.

Camões é uma tradição, a cuja sombra é grato viver indolentemente recostado; Pombal é um raio que deslumbra, fere, mata, incendêa, mas esclarece: Camões é um cantico; Pombal é uma luçta: cantico de triumpho pelo que tinhamos fido, de agonia pelo que iamos fer; luçta forte, energica, mascula, vivificante, contra todos os elementos que haviam entorpecido as forças vitaes do paiz e pretendiam continuar a governal-o, não lhes importando se o aniquilavam.

Camões cantou, protestou, chorou; cantou-nos as glorias, protestou pela nossa independencia, chorou-lhe antecipadamente a perda, tres cousas gratissimas a todos, tanto mais que a ninguem custam sacrificios: Pombal

luctou, e a lucta exige dispendio de forças; e eis a razão da má vontade de muitos; luctou, e na peleja fez victimas; e ferá isto motivo sufficiente para explicar a opposição manifestamente hostil dos muitos outros, que eu condemnei sob a designação geral do clero catholico portuguez?

Não nol-o parece; rancor que dura cem annos é sentimento demasiado vil, e folgamos de crer que o clero, cuja missão é de caridade, não se deixaria dominar por elle. Que o plano gigante do Marquez não seja ainda devidamente apreciado no seu conjuncto, concedemos; estamos ainda perto d'elle, e os monumentos coloffaes precisam de ser vistos a distancia para poderem ser apanhados num só lance de olhos. Mas que os odios e resentimentos, que elle fuscitou em vida e que duramente expiou no seu desterro em Pombal durem ainda hoje, não admittimos; basta reparar em que o clero é uma classe formada por adopções e não pela procreação; os padres de hoje não são filhos dos de hontem, o clero não tem uma educação e um espirito tão homogeneos e unitarios, que tornem os seus membros completamente solidarios entre si; e seria preciso dar á pura transmissão historica dos sentimentos um valor que ainda se está longe de attribuir á transmissão hereditaria physiologica; e mais tem esta em seu favor muitos factos que não abonam aquella.

Rejeitada a idéa dos resentimentos de classe, bastará para explicar a opposição d'ella á glorificação civica do Marquez o fundamento, que já vimos allegado, de que o seu caracter moral era pessimo e de que elle foi um inimigo da egreja, porquanto cortou as relações com ella e baniu do paiz os jesuitas?

Para elidir o primeiro argumento basta ler a introdução prévia ao tomo 1 do *Morgado de Oeiras*, escripta pelo Marquez e dirigida aos herdeiros do morgado, publicada pelo *Diario de Noticias* em 8 de maio d'este anno. É uma verdadeira exhortação em que a fervorosa piedade para com Deus e a fã philantropia social se acham affirmadas d'um modo commovente e encantador. Palavras e sentimentos como aquelles é incapaz de fentil-os e diétal-os quem remexe nas cinzas d'um morto illustre para lhe impedir a apothese a que os seus gloriosos serviços lhe dão direito.

A insinuação de inimizades com a egreja, encarrega-se a historia de a aniquilar.

Em 3 de outubro de 1759 eram os jesuitas expulsos de Portugal; em 6 de junho de 1760 era expulso de Lisboa o nuncio Acciajouoli, interrompendo-se então as relações de Portugal com Roma; em 20 de setembro de 1761 era queimado em Lisboa o jesuita padre Malagrida; e em 6 de maio de 1765 declarava-se nullo e de nenhum effeito o breve apostolico que confirmava de novo a companhia de Jesus.

Pois bem; tanto estes factos não foram do completo desfagrado da Sé Apostolica (porque sabia as razões d'elles), que em 26 de novembro de 1769 o papa Clemente xiv enviava o seu retrato ao Marquez, retrato que ainda hoje se conserva numa das salas do palacio de Oeiras; em 17 de setembro de 1770 reconciliava-se Portugal com Roma, e Sebastião José de Carvalho recebia o titulo de Marquez de Pombal em reconhecimento dos serviços prestados nesta conjunctura, em que elle, sem melindrar a curia romana, soube fazer valer os direitos da coroa portugueza e os interesses do paiz; em 24 do mesmo mez e anno o papa ia por deferencia para com Portugal officiar a Sancto Antonio dos Portuguezes em Roma, e allí deixava a rosa de ouro como symbolo da alliança entre os dois governos; e finalmente em 21 de junho de 1773 o mesmo pontifice extinguiu em todo o mundo catholico a companhia de Jesus pelo breve—*Dominus ac Redemptor*, cujos considerandos, se o papa não mentia, bem deixam ver que elle obrou por convicção propria, e não porque obedeceffe á pressão de influencias extranhas (1).

Terão por acaço os padres de hoje pretensões a melhor conhecer o Marquez do que os governantes ecclesiasticos d'então que com elle estavam em relações tão benevolas?

Não o julgaram nem o julgam elles, e todas estas allegações parecem-nos pretextos futeis, destinados a cobrir a segunda e a mais verdadeira razão da hostilidade clerical contra as festas em honra do Marquez de Pombal. Esta, digamol-o sem rebuço, funda-se *no caracter puramente civico* d'estas festas. O clero vê nellas, e com razão, uma phase da luçta entre o sacerdocio e o imperio, ou, para irmos de harmonia com as modernas instituições politicas, um symptoma da progressiva emancipação da sociedade civil em relação á tutela da sociedade ecclesiastica. Esta esteve por muito tempo no monopolio das solemnizações dos vultos prestantes da humanidade; a sociedade civil mostra-lhe que tambem sabe glorificar os seus heroes e fazer festas sem pedir á egreja nem os seus ministros, nem os seus ritos, nem os seus processos de canonização ou de beatificação.

É esta uma parte da realisação prática do principio estabelecido nos dominios da theoria—á egreja as cousas espirituaes, as temporaes á sociedade civil.—Tenha cada uma as suas instituições, as suas festas, os seus heroes; mas, longe de se guerrearem, é melhor que se harmonisem; respeite o clero os heroes civis; que a sociedade civil lhe respeitará os seus sanctos.

Assim o comprehendeu já o clerigo illustrado, que sabe que depende a

(1) Veja-se o citado *Diario de Noticias*.

estabilidade da egreja de ella se manter na posição que lhe cabe — de instituição destinada a perpetuar no mundo o facto da encarnação de Christo, embora tal facto seja negado por muitos; e a representar a indiscutível hypothese espiritalista, que se traduz em refumo pelas idéas — da immortalidade das almas e da criação do universo por um só Deus.

Foi isto que não comprehenderam os adversarios do centenario pombalino; almas de pigmeus queriam realisar um plano que os braços robustos de Innocencio IV e de Gregorio VII não poderam levar a cabo.

Tambem as suas declamações nada conseguiram; a apothese civica do Marquez de Pombal está feita; e todos os que cooperámos nella, sem intenção nenhuma hostil para com o bom clero e a boa egreja, puzemos ao serviço d'esta idéa a franqueza provada das nossas convicções, eforada na probidade de nossas consciencias.

Coimbra, 13-5-82.

FRANCISCO GOMES DO REGO FEIO.

NO ATELIER

No atelier sombrio, á vaga luz do dia
Que penetra medida, e brilha suavemente,
Entre esboços, perfis, obras de phantasia,
Marmores colossaes que alvejam friamente;

Entre o vulto gentil d'uma mulher que ria
Na dureza da pedra alteando indifferente
O seu nevado collo, e um torse que se erguia
D'um bloco gigantesco, em pose surprehendente,

Trabalhava febril, ouvindo lá por fóra
Ruidos festivaes desde o raiar da aurora,
Um artista a desbastar com seu pulso robusto

Um marmore nitente. A pouco e pouco aquece
A mente d'enthusiasmo; e prestes apparece
Radiante de POMBAL o primoroso busto!

Coimbra, 1882.

MANUEL DA SILVA GAYO.

POMBAL

Deixem buscar na sombra o ninho onde se acoite
 A ave que nasceu sem olhos, como a noite,
 Inimiga cruel do facho rutilante,
 Que alumia o caminho e pede sempre: «Avante!»

Deixem viver na treva, escuros mais do que ella,
 Quem vem para affrontar os raios d'uma estrella.
 Que prégue, calumnie em misera farçada:
 Seja-lhe acoite só a luz d'uma alvorada.
 O vulto que subir ao pinaculo da Gloria
 Pertence á Humanidade e ao grande livro—a Historia.

Dos pulpitos por mais que o pó se lance, nunca
 Se enterra esse gigante, esse livro se trunca.
 Por isso podeis vir nas sombras da batina,
 Emquanto para nós o Sol fulge e se inclina:
 Elle ha de vestir sempre a Natureza inteira,
 E hordará tambem de raios a bandeira,
 Que tem de nos guiar ao campo da batalha,
 Onde haveis de morrer, hypocritas, canalha.
 Que pretendeis fazer dos risos, das esp'ranças,
 Dos lirios de fetim, das almas das crianças?
 Que pretendeis fazer da luz que o peito tem,
 D'um oceano d'amor—um coração de Mãe?
 Que pretendeis fazer d'auroras e d'estrellas,
 Do que é bom, do que é puro: as pombas e as donzellas?...
 —Se haveis de ter na fronte eternamente escripta
 Esta palavra hedionda e negra:—Jesuita!

Deixae-nos levantar estatuas, monumentos,
 Andar a nossa alma acria, como os ventos,
 Beijando o largo azul, o que é bello, o que é grande
 E tudo que forri e tudo que se expande
 Em lagrimas de luz, em petalas d'amor;
 Não perturbeis o sol, não maculeis a flor.
 Vivei, mas não saiais, ó bando, da morada
 Para cuspir na herança enorme e mais sagrada,
 Que um dia nos ficou. As fronte dos heroes
 São seculos que vão no Ceo formando foes.
 E os vis que andam na terra a abrir um cemiterio
 Para esconder, por fim, este fulgor fidereo
 Morrendo vão rolar-se alli, na funda cova,
 Quando da lucta nasce alguma ideia nova.
 O coração do Povo, o brio nacional
 Esmaga-vos aos pés e diz: «Viva Pombal!»

Foi esse forte, austero, e nobre coração
Que de golpes encheu o abutre — Inquisição.
Tão larga a treva foi, que quasi não havia
Nas almas uma luz que simulasse um dia.
O amor era o carrasco, a tortura clemencia;
O carcere apertava em elos a Consciencia.
Illuminavam só as funebres visões
Fogueiras derramando uns sinistros clarões...
E tinham para ver o que a infamia produz,
O Christo macilento em cima d'uma Cruz!...

Então, vendo essa mancha enorme que se estende,
E mais e mais a alma obfurece e prende;
E vendo assim roubar ao lar, á patria, ao bem
Um filho que custou as lagrimas de Mãe,
— O pranto que Deus fez de perolas bemiçtas;
Pombal ergueu a mão e f'riu os Jesuitas.
«Para longe, disse elle, abutre sanguinario,
Que nos mentes a nós e mentes ao Calvario.»
Era preciso assim um vulto de gigante
Para fazer d'um foppro a pagina radiante
Da historia portugueza.

Espirito que vòs:
Fulmina a Inquisição, faz reviver Lisboa!

Se é certo que na campa as cinzas se revolvem
E cem annos depois as dividas se solvem;
Se é certo que ainda pode o Sol dar vida nova
Ao corpo d'um heroe gelado numa cova;
Se é certo que não pode um seculo extinguir
A luz que é do Passado e d'Hoje e do Porvir;
O vulto ahí o tens: confagra-o, Portugal.
Ao lado de Camões has de escrever: — POMBAL!

ODE

AO MARQUEZ DE POMBAL

(8 de Maio de 1882)



o pedestal da gloria
 Que o patrio amor sustenta,
 Perfeitamente assenta
 A efflatus do Marquez;
 Ninguem, ninguem na historia
 Do seculo passado
 Ergueu mais alto o brado
 Do nome portuguez!

Ao seu olhar impavido,
 Á sua brava fanha,
 Curvou-se a velha Hespanha,
 Tremeu Albion audaz!
 Da Europa os reis, os principes,
 Que as forças lhe mediram,
 Por certo que sentiram
 De quanto era capaz!...

O Vaticano, a Curia
 Onde aninhado habita
 O negro jesuita,
 Qual fera em seu covil,
 A Curia, a velha autoocrata,
 Ao ver perto o inimigo,
 Deixou o sceptro antigo
 Rolar da mão fenil!

Bemdiçtas pois as callidas
 Acclamações festivas,
 Que tornam redivivas
 As glorias de POMBAL;
 Ninguem, ninguem na historia
 Do seculo passado
 Ergueu mais alto o brado
 Do seu paiz natal.

Como se fora de Atila
 A sombra pavorosa
 Erguida sobre a loufa
 Que estranha mão fendeu,

PRICE

PRICE



23456 78900 5

Affoma assim na historia!
E com o olhar profundo
Enche, avassalla o mundo
Mais que heróe, Prometheu!

A voz do ceu sepulta-se
Uma cidade morta?
— Sepulte-se... que importa?
Lazaro surgirá! —
Pairam abutres avidos
No lar e sobre a cêchola?
— Pois bem; feroz Loyola,
Meu pé-te esmagara! —

Fallece á mingua a patria?
Nem um ceutil no erario?
O reino, um proletario?
O enfino, uma irrição?
— Pois bem, do vasto cerebro
Do heróe que vem do povo,
Sahirá um mundo novo,
A luz, a cêchola, o pão! —

Tal foi do novo Encelado
A colossal statura,
E a obra que inda dura,
E durará, talvez...
Ninguem, ninguem na historia
Do seculo passado
Ergueu mais alto o brado
Do nome portuguez!

J. SIMÕES DIAS.

